

# DOSSIÊ: FORMAÇÃO COLONIAL E DECOLONIALISMO: POLIFONIA DE VOZES NO CARIBE

**ENTRE A ESPADA E A CRUZ:** BARTOLOMEU DE LAS CASAS EM DEFESA DO MODO PACÍFICO DE EVANGELIZAÇÃO DOS INDÍGENAS NA AMÉRICA ESPANHOLA<sup>1</sup>

**BETWEEN THE SWORD AND THE CROSS:** BARTOLOMEU DE LAS CASAS IN DEFENSE OF THE PEACEFUL WAY OF EVANGELIZATION OF THE NATIVES IN SPANISH AMERICA

Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira  
Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

## Resumo

Pretendemos compreender a defesa da evangelização pacífica defendida pelo frade dominicano espanhol Bartolomeu de Las Casas em seu livro *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, concebido de 1523 a 1537. Visando uma melhor compreensão das especificidades do pensamento de Las Casas, faremos uma comparação com o pensamento de seu contemporâneo o frade franciscano Motolinía em seu livro *Historia de los indios de la Nueva España*, escrito de 1536 a 1541. Para a interpretação das fontes, recorreremos ao método denominado de contextualismo linguístico defendido pelo historiador inglês Quentin Skinner, que busca interpretar os textos históricos considerando o contexto sócio histórico e intelectual em que seus autores os conceberam.

**Palavras-chave:** Las Casas. Único modo. Evangelização. Índios, América Espanhola.

<sup>1</sup> A autora recebeu apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa no Estado do Maranhão (FAPEMA)

Artigo recebido em 21 setembro de 2018 e aprovado para publicação em 21 de novembro de 2018

**Resumen:** Buscamos comprender la defensa de la evangelización pacífica defendida por el frade dominicano español Bartolomeu de Las Casas en su libro *Único modo de atraer todos los pueblos a la verdadera religión*, concebido de 1523 a 1537. Visando una mejor comprensión de las especificidades del pensamiento de Las Casas, haremos una comparación con el pensamiento de su contemporáneo el frade franciscano Motolinía en su libro *Historia de los indios de la Nueva España*, escrito de 1536 a 1541. Para la interpretación de las fuentes, recorreremos ao método denominado de contextualismo lingüístico defendido por el historiador inglés Quentin Skinner, que busca interpretar los textos históricos considerando el contexto sócio histórico e intelectual en que sus autores los concebieron.

**Palavras-chave:** Las Casas. Único modo. Evangelización. Índios. América Española.

### **Abstract**

We intend to understand the defense of peaceful evangelization advocated by the spanish dominican friar Bartolomeu de Las Casas in his book *The only way to attract all peoples to the true religion*, conceived from 1523 to 1537. Aiming at a better understanding of the specificities of Las Casas thought, compared with the thought of his contemporary the franciscan friar Motolinía in his book *Historia de los indios de la Nueva España*, written from 1536 to 1541. For the interpretation of the sources, we will use the method called linguistic contextualism defended by the english historian Quentin Skinner, who seeks to interpret the historical texts considering the socio-historical and intellectual context in which their authors conceived them.

**Keywords:** Bartolomeu de Las Casas. Single Way. Evangelization. Indians. Spanish America.

Pretendemos compreender a defesa da evangelização pacífica defendida pelo frade dominicano espanhol Bartolomeu de Las Casas em seu livro *Único modo de atraer todos os povos à verdadeira religião*, concebido de 1523 a 1537. Visando uma melhor compreensão das especificidades do pensamento de Las Casas, faremos uma comparação com o pensamento de seu contemporâneo o frade franciscano Motolinía em seu livro *Historia de los indios de la Nueva España*, escrito de 1536 a 1541. Para a interpretação das fontes, recorreremos ao método denominado de contextualismo lingüístico defendido pelo historiador inglês Quentin Skinner, que busca interpretar os textos históricos considerando o contexto sócio histórico e intelectual em que seus autores os conceberam. (SKINNER, 1996, p. 13).

## Bartolomeu de Las Casas no processo de colonização da América Espanhola

Bartolomeu de Las Casas nasce em 1474 na cidade de Sevilha, Espanha. O seu pai, Pedro Las Casas, é comerciante, exercendo atividades ligadas à pesca e à navegação. A mãe, Isabel de Sosa, é padeira. Ela morre cedo, deixando o pequeno Bartolomeu e suas quatro irmãs aos cuidados do pai e dos familiares. Dois dos tios de Bartolomeu são professores na Escola Catedral de Sevilha, parece que aí será a sua primeira formação.

Com o apoio dos reis católicos, Fernando II de Aragão e Isabel I de Castela, o navegador genovês Cristóvão Colombo chega à América em 1492. No ano seguinte, o papa espanhol Alexandre VI autoriza os reis católicos a colonizar e evangelizar o Novo Mundo. Neste ano, Colombo faz a sua segunda viagem à América, na qual participam o pai e dois tios do pequeno Bartolomeu. Ressalta-se que a sua família era estreitamente ligada a Colombo e a seus familiares.

Pedro Las Casas só retorna à Sevilha seis anos depois, em 1499. Seduzido pelas riquezas do Novo Mundo, alimenta no filho o sonho de enriquecerem nas chamadas Índias Ocidentais. Assim, já formado em Direito pela Universidade de Salamanca, aos 28 anos o jovem Bartolomeu embarca com o pai rumo à América em 1502. Dois meses depois desembarcam na cidade de Concepción de La Vega na Ilha Espanhola (também chamada na época de São Domingos)<sup>2</sup>, tornando-se colono em 1503.

Em 1504 surge na América Espanhola o sistema de *encomiendas* em que os colonizadores e conquistadores recebiam da coroa espanhola um *repartimiento* de índios para catequizá-los; os índios deviam trabalhar exaustivamente e sem nenhuma remuneração nas terras que pertenciam a eles anteriormente à chegada dos espanhóis em troca da salvação de sua alma.

No ano de 1507 Bartolomeu de Las Casas vai a Roma, sendo ordenado padre. Em Concepción de La Vega, em 1511 ele recebe o seu primeiro *repartimiento* de índios, tornando-se *encomiendero*. Assim, sem nenhum problema de consciência, o padre *encomiendero* estava integrado ao processo de colonização espanhola na América.

No ano anterior haviam chegado à Ilha Espanhola quatro frades dominicanos, entre eles o frade Antônio de Montesinos. Horrorizados com a escravidão dos indígenas e os maus tratos sofridos por eles por parte dos *encomienderos*, os dominicanos resolveram denunciar. Na semana do Natal, no dia 21 de dezembro de 1511 na missa do quarto domingo do advento, na Catedral de São Domingos, em que estão presentes inúmeras pessoas e autoridades locais, Montesinos sobe no púlpito e lê o sermão escrito em conjunto por ele e seus companheiros dominicanos intitulado “Com que direito?”, no qual critica os colonos espanhóis por escravizar, fazer guerra contra os indígenas e maltratá-los; afirmando que os colonos estão

<sup>2</sup> Atual República Dominicana, cuja capital é São Domingos.

em pecado mortal e que, se continuarem agindo daquela forma, não salvarão a sua alma. Las Casas encontra-se presente. É no papel de padre *encomiendero* que ele ouve o sermão de Montesinos.

Apesar de ficar incomodado após ouvir o sermão pregado por Montesinos, Las Casas segue como padre colonizador. Assume a missão de capelão militar em 1513. Como sacerdote participa da conquista de Cuba com a tarefa de pacificar e catequisar os soldados e os indígenas. Durante os combates, sete mil índios são degolados por ordem de Panfilo de Narváez, um dos comandantes dessa conquista. Logo após tal acontecimento, Las Casas recebe mais terras como também outro *repartimiento* de índios em Jagua, Cuba.

Na Ilha de Cuba, inicialmente, Las Casas é um explorador como os outros, ocupa-se da exploração do ouro e da produção no campo. Ele é o primeiro evangelizador desta ilha; realiza seu trabalho catequético, batizando um número considerável de nativos.

A passagem de Las Casas em Cuba é marcante em sua vida, já que é nesse período que ocorre a mudança radical de suas práticas. Em 1514, ele se encontra na aldeia do Espírito Santo em Cuba, onde residia havia um ano. Na Festa de Pentecostes, na vigília do Espírito Santo, Las Casas passa por uma grande mudança espiritual e política. Conforme Marcel Bataillon, quando esse padre espanhol procura na Bíblia um texto para o sermão que irá pregar durante a celebração, ele se detém em um texto do Eclesiástico (ECLO, 34, 18) que trata do “Culto agradável a Deus”, segundo o qual “Oferecer um sacrifício com o fruto da iniquidade é fazer uma oferenda manchada”. (BATAILLON, 2013, p. 16).

A partir desse momento, Las Casas passa a refletir a respeito de si e da prática de colonização dos espanhóis. Começa a meditar sobre a colonização e percebe que a ganância exagerada dos espanhóis os leva a oprimir cada vez mais os índios, dos quais assiste o sofrimento. De acordo com Bataillon, “ao meditar sobre essa advertência e sobre a injustiça reinante”, Las Casas “se convence finalmente de que tudo o que os espanhóis cometiam no encontro com os índios era injusto e tirânico”. (BATAILLON, 2013, p. 17).

Tendo em mente o sermão pronunciado por Montesinos em 1511, Las Casas rompe radicalmente com o que vivenciou até o momento: renuncia a todas as suas *encomendas*, liberta os seus índios para que possa denunciar os atos dos colonos espanhóis na região das Antilhas.

Las Casas decide que daquele momento em diante se dedicará à defesa dos índios do Novo Mundo. Nesse momento, começa a sua intensa vida de polemizador e defensor dos índios. Segundo Henrique de Moura Faria, Las Casas “propõe-se a pregar exigindo respeito ao direito dos índios e buscando efetivar um novo modelo de colonização”. (FARIA, 2005, p. 13-14). Após a conversão, entusiasmado, Las Casas busca interferir na política da Coroa Espanhola. De Cuba, segue para a Espanha objetivando propor a reforma da colonização das Índias. A partir de sua conversão em 1514, Las Casas irá umas dez vezes à Espanha para

defender os índios.

Em 1515, Las Casas conhece o conquistador espanhol Hernán Cortés. Neste ano vai a São Domingos para falar com o superior da ordem dominicana que inspirou o movimento missionário de libertação dos povos indígenas, Frei Pedro de Córdoba. No final deste ano obtém a promessa de um encontro com o rei espanhol, o católico Dom Fernando II de Aragão. Porém, o encontro não acontece, o rei morre em janeiro de 1516. Em março, Las Casas fala com o regente do reino, o cardeal Cisneros, que assumiu a regência até que o príncipe Carlos que estava em Flandres retornasse à Espanha para assumir o trono. No mês seguinte, as ideias de Las Casas começam a ser discutidas em uma Junta. Ele apresenta a Cisneros o seu *Memorial de Agravos*. Em setembro, em nome do novo rei Carlos I, Cisneros nomeia Las Casas a protetor universal dos índios, como também assessor dos Jerônimos<sup>3</sup>, num projeto a favor da causa dos índios.

Em janeiro de 1517, Las Casas chega em São Domingos. Em maio, ele percebe que o empreendimento fracassou. Concebe o seu *Memoriais de Remédios para as Índias* e embarca rumo à Espanha para relatar os acontecimentos a Cisneros. No ano seguinte, Carlos I autoriza Las Casas a realizar uma colonização pacífica na região de *Tierra Firme* (atual Venezuela). Nesse projeto, os camponeses começam a ser recrutados por ele. Las Casas fica na Espanha até 1519 objetivando fazer negociações e contatos para pôr em prática o seu projeto de colonização pacífica. Esse projeto consistia em uma relação pacífica entre os lavradores espanhóis e os índios da América Espanhola; de acordo com Filipe Eduardo Moreau, em “lavradores que tratassem bem os índios e fundassem uma comunidade cristã. Subsidiados pelo rei, eles lançariam raízes na América, convivendo com os nativos e atraindo-os com sua técnica e fé”. (MOREAU, 2003, p. 13).

O Conselho das Índias é constituído em 1519 objetivando o empreendimento da colonização na América. Carlos I, além de rei da Espanha, é eleito Imperador com o nome de Carlos V. Em maio do ano seguinte, Carlos I assina as leis que determinam a colonização pacífica.

Com cinquenta colonos e um grupo de dominicanos, Las Casas embarca em novembro rumo à Terra Firme. Essa tentativa experimental de colonização pacífica foi o maior fracasso de sua vida. Na região, o clima era tenso: havia muitos conquistadores espanhóis explorando as riquezas bem como índios revoltosos, que atacaram a aldeia em que estavam os companheiros de Las Casas. Ele foi salvo por questão de dias. Em dezembro de 1521, Las Casas desiste da experiência em Terra Firme que terminou drasticamente. Nessa missão houve inúmeros fracassos, como oposição de governadores, deserção de colonos, ataques dos índios, entre outros.

---

3 A Ordem de São Jerônimo, cujos membros buscavam seguir os exemplos de São Jerônimo, foi aprovada pelo Papa Gregório XI em 1373, o qual determinou que os integrantes da ordem seguissem as regras de Santo Agostinho.

Após esse fracasso, Las Casas é recebido pelos frades dominicanos e resolve ingressar na Ordem Dominicana em 1522. É importante ressaltar que, quando se converteu em 1514, os frades dominicanos eram companheiros de evangelização de Las Casas em Cuba. Nesse período, Las Casas teve contato e aprofundou as relações com eles. (FREITAS NETO, 2003, p. 41). Em 1523, Las Casas faz a sua profissão religiosa nesta ordem.

No México, em 1524 chegam doze missionários franciscanos, em 1526 chegam os primeiros missionários dominicanos e o primeiro bispo é nomeado. Em 1527, na Ilha Espanhola, Las Casas é eleito a Prior do Convento de Puerto de la Plata; começa a redigir o *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*; o projeto de *História das Índias* surge nesse momento.

Desde o ano em que ingressou na Ordem Dominicana, 1522, até o final do ano de 1539, as ações de Las Casas na América são ligadas às ações dessa ordem, consistindo em abertura de casas e áreas de trabalho missionários. Ele participa de trabalhos da Ordem Dominicana na Ilha Espanhola, onde vivia, assim como na Nicarágua e na Guatemala. (FREITAS NETO, 2003, p. 47).

Nesse momento de reclusão e de poucos trabalhos desenvolvidos pelo então frade dominicano, a sua grande realização são os estudos: ele estuda documentos papais, os padres da Igreja, particularmente Tomás de Aquino, como também os filósofos gregos, especialmente Aristóteles. Las Casas dedica-se também à escrita de grande parte de suas obras, *História das Índias*, a *Apologética História das Índias* e o *Único modo*. (FREITAS NETO, 2003, p. 47).

### **A experiência de evangelização pacífica na Guatemala**

A segunda experiência de colonização pacífica protagonizada por Las Casas ocorreu em 1537, na Guatemala, tendo como base o seu *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, no qual o missionário dizia que o uso da força era desnecessário para converter os índios, pois eles aceitavam o cristianismo; considerava que a guerra feita aos índios era injusta e tirânica, propondo que os espanhóis devolvessem a eles todas as terras e riquezas roubadas. Os conquistadores ironizavam o livro e estavam certos de que a experiência fracassaria, por isso concordaram. (MOREAU, 2003, p. 214).

A ideia de Las Casas de como os índios deveriam ser colonizados, bem como sua postura a respeito, ficou sistematizada em seu *Único modo*. (BRUIT, 1995, p. 62). Na Guatemala, em 1537, o frade dominicano buscou pôr em prática a sua teoria defendida nesse livro de que o Evangelho deveria ser pregado de modo pacífico. Foi neste ano e lugar que o *Único modo* foi concluído. (NASCIMENTO FILHO, 2005, p. 76).

Muitos conquistadores espanhóis riam às gargalhadas da ideia obsessiva defendida

por Las Casas de que a colonização só poderia ocorrer com os soldados de Cristo por meio do Evangelho, chegando a ponto de chamá-lo de “louco varrido”. Porém, Las Casas não dava a menor importância ao que diziam dele. E, numa prova de força com os seus opositores, se prontificou a colocar tais ideias em prática em Tuzulutlán, denominada de “Terra de Guerra”, chamada por ele de Vera Paz. (BRUIT, 1995, p. 62).

Na Guatemala, havia poderes políticos e religiosos que compartilhavam dos mesmos ideais de Las Casas. Por isso, ele foi bem recebido quando aí chegou em 1537. (NASCIMENTO FILHO, 2005, p. 76). E, apesar da tentativa de evangelização pacífica anterior ter sido um fracasso, ele não desiste e tentará novamente colocar a sua teoria em prática.

Alonso Maldonado, o governador da Guatemala, pôs Las Casas à prova: evangelizar somente com o Evangelho, sem recorrer às armas, Tezulutlan, um lugar montanhoso e chuvoso, inóspito para os espanhóis, onde os índios eram difíceis de subjugar; lugar conhecido como ‘Terra de Guerra’. O desafio foi aceito por Las Casas. (NASCIMENTO FILHO, 2005, p. 76).

Foi deste modo pacífico, sem uso de armas, armados apenas com o Evangelho, com a suavidade com que se amansam as próprias feras, que Las Casas e seus companheiros dominicanos atraíram à fé católica algumas províncias tezutlanas, e, diferente dos demais colonizadores espanhóis, não despojaram os índios de seus poderes e liberdade. (GALMÉS, 1982, p. 116).

Várias circunstâncias favoráveis contribuíram ao sucesso obtido por Las Casas nessa missão evangélica em Tezulutlan, como o apoio do bispo da Guatemala e do governador Alonso Maldonado. Este proporcionou condições e assumiu compromissos para que a missão de Las Casas se realizasse da melhor forma possível. Entre tais compromissos, destacam-se: a proteção dos índios, que após colonizados estariam sob a proteção direta da Coroa espanhola não podendo ser dados em *encomienda*; por cinco anos os espanhóis estavam proibidos de entrar na área em que as missões estavam sendo realizadas, sendo que tal prazo só contaria a partir do momento em que os frades dominicanos já estivessem em todas as áreas rebeldes. (BATAILLON, 1976, p.182-184). Conforme Moreau, “o governador aceitou que por cinco anos só os dominicanos entrassem na região, e que os índios contatados não seriam escravizados, mas pagariam tributos ao rei”. (MOREAU, 2003, p. 214).

O programa de evangelização pacífica de Las Casas alcançou tanto êxito em um ‘território de Guerra’, levando o Imperador Carlos I a mudar o seu nome para território de Vera Paz, como Las Casas o chamava. (BELLINI, 1995, p. 566). Esse episódio de Vera Paz protagonizado por Las Casas, em que o cristianismo foi imensamente propagado, certamente foi o mais importante em sua vida. (FREITAS NETO, 2003, p. 48). Como fruto do sucesso da evangelização pacífica sem uso de armas alcançado em Vera Paz, em 1543 Las Casas será nomeado Bispo de Chiapas, na época região da Guatemala<sup>4</sup>, vizinha de Vera Paz.

4 Hoje, Chiapas localiza-se no México, na fronteira com a Guatemala.

## Como evangelizar os indígenas: Divergência entre Motolinía e Las Casas

No início do século XVI, o papado concedeu aos reis católicos o patronato régio sobre a Igreja das Índias. Assim, submetida aos soberanos católicos, a Igreja oficial na América não se destacou na defesa dos indígenas, será através das ordens religiosas que a Igreja Católica desenvolverá importante papel na defesa dos nativos. Neste sentido, na América Espanhola destacaram-se o franciscano Toríbio de Benavente, um dos ‘Doze’, apelidado pelos indígenas de Motolinía, o Pobre, e o dominicano Bartolomeu de Las Casas. (BELLINI, 1995, p. 554).

Em suas andanças, Las Casas enfrentou religiosos, missionários e bispos que discordavam de suas ideias sobre a evangelização dos indígenas. No Único modo, insistentemente ele recomenda respeito, paciência e suavidade no diálogo com os nativos.

É importante saber de que forma os adversários de Las Casas o viam; comparar a sua concepção com a de outros missionários que também vieram às Índias Ocidentais com a tarefa de evangelizá-la. Conhecendo-a bem, porém, com projetos divergentes e a olhando em perspectivas diferentes. Para Carlos Josaphat, a grande questão que se apresentava aos religiosos era “Como evangelizar a América? Na catequese, na preparação aos sacramentos e em sua administração, que lugar se há de dar às exigências de justiça, às grandes normas ou modelos éticos de uma sociedade de igualdade e de solidariedade entre as raças?” (JOSAPHAT, 2000, p. 322).

O idealismo evangelizador dos franciscanos e dominicanos convergiam em alguns pontos e divergiam em outros. No geral, tanto os franciscanos como os dominicanos faziam reluzir o seu tradicional título de mendicantes, que os levava a fraternizar com as pessoas humildes, “voltando a seu enraizamento histórico na aspirações de um novo Pentecostes, com os mais pobres, agora com os pobres do Novo Mundo”, no caso, os índios. Eles deveriam ser evangelizados e convertidos, formando comunidades renovadas e entusiasmadas, vivendo novamente a comunidade santa de Jerusalém, apressando a chegada do Reino prometido. Na América, e particularmente no México, os trabalhos de evangelização eram acompanhados e aquecidos de esperanças e de sonhos milenaristas. (JOSAPHAT, 2000, p. 322-323).

Um grande adversário de Las Casas a respeito do método certo para se evangelizar os indígenas do Novo Mundo foi sem dúvida o frade franciscano Frei Toribio de Benavente, Motolinía (?- 1569).

Pouco se sabe sobre a sua vida antes de chegar à América. Os seus biógrafos divergem quanto à data de seu nascimento, que seria 1490, 1495 ou 1499. O certo é que nasceu na última década do século XV. Referente ao lugar, ele nasceu em Paredes na Espanha. Seguindo um costume entre os religiosos da época, os religiosos colocaram-lhe o apelido de Benavente, que era a capital mais próxima. A consagração sacerdotal de Frei Toribio aconteceu em 1516

na província de Santiago. Em 1517 foi para a Custódia de São Gabriel em Estremadura. Nesse ambiente, a regra franciscana, particularmente o voto de pobreza, era levado ao extremo. Ele residiu aí até 1523. (ARNAIZ; PRADO, 2014, p. 9- 11).

Após ter submetido o México, Hernán Cortés solicitou missionários para evangelizar os nativos. Assim, Frei Toribio com mais oito franciscanos e dois leigos, escolhidos e liderados pelo Frei Martin de Valença, no dia 25 de janeiro de 1524 embarcaram no Porto de Sanlúcar de Barrameda, desembarcando em 13 de maio do mesmo ano no porto de San Juan de Ulúa na costa do México, com o objetivo de proteger e evangelizar os nativos, convertendo-os ao cristianismo. Como exigia o voto de pobreza franciscano, a famosa missão dos Doze, como era chamado o grupo de frades franciscanos, percorreu a pé 400 quilômetros até chegar à cidade do México e Tenochtitlán cinco semanas depois, em 18 de junho. (ARNAIZ; PRADO, 2014, p. 11-12).

Em sua *Historia verdadeira de la conquista de la Nueva España*, o cronista e conquistador espanhol Bernal Díaz del Castillo relata que, em junho de 1524, Hernán Cortés recebeu os ‘Doze’ em Cidade do México, capital da Nova Espanha, “com grande aparato e diferença”. O conquistador espanhol foi ao encontro dos frades franciscanos acompanhado de soldados e de Guatemuz, o senhor do México, com seus caciques mais importantes, (CASTILLO, 1968, p. 77), buscando tornar esse momento espetacular para que ficasse gravado na mente dos indígenas durante toda a sua existência. (BELLINI, 1995, p. 554).

Bernal Díaz del Castillo, que participou da cerimônia, conta que Cortés desceu do cavalo e foi ao encontro dos frades beijando-lhes os hábitos, já que estes não consentiram que lhes beijassem a mão; tal gesto foi imitado por todos os que acompanhavam o conquistador. (CASTILLO, 1968, p. 77). “Cena grandiosa e sugestiva para os indígenas”, aos espanhóis e Cortés, já que “a chegada dos religiosos significava uma clara legitimação de sua empresa de conquista”, observa Giuseppe Bellini. (BELLINI, 1995, p. 555).

Durante sua vida, Frei Toribio adotou três apelidos: Paredes, Benavente e Motolinía. Seu apelido familiar foi Paredes, ao tornar-se franciscano assumiu o de Benavente, mas logo que chegou à América adotou o de Motolinía. (Arnaiz; Prado, 2014, p. 10). Sobre o apelido Motolinía, em sua *Historia eclesiástica indiana*, Jerónimo de Mendieta diz que os índios ao verem os frades franciscanos descalços e vestidos com trajes tão esfarrapados repetiam muito o termo *motolinea*, *motolinea*. O frei Toribio perguntou a um espanhol o significado da palavra, e este respondeu-lhe dizendo que queria dizer “pobre, o pobre”. Imediatamente, o frade disse que este seria o seu nome para sempre. E daí em diante só se nomeou de Frei Toribio Motolinía. (MENDIETA, 2006, III, XII) A partir daí, ficou conhecido como Toribio de Benavente Motolinía, e assinando os textos que escreve com esse nome. (REIS in ANPUH/SPUNICAMP, 2004, p.1).

Motolinía ocupa o cargo de primeiro guardião do monastério do México, de 1524

a 1527. Neste ano, o Capítulo da Ordem Franciscana o envia para Texcoco, aí ele será o guardião do convento de Santo Antônio. No final de 1530, o Capítulo da Ordem o encarrega a uma missão itinerante e polivalente, levando-o a exercer diferentes tarefas entre os anos de 1531 até 1536. Dentre tais atividades, participa da escrita coletiva das sucessivas cartas enviadas ao Imperador, de 1532 a 1533, para noticiar a respeito da questão missionária no México, da quantidade de índios batizados pela ordem, mais de cem mil desde o ano em que os franciscanos haviam chegado na América, 1524, até aquele ano de 1533. Em 1536 ele é nomeado a guardião do monastério da cidade de Tlaxcala, fica no cargo até 1542, dedicando-se à atividade missionária. (ARNAIZ; PRADO, 2014, p. 14-16).

Nesses anos em que residiu em Tlaxcala, Motolinía concebeu a *Historia de los indios de la Nueva España*. Esse livro foi redigido de 1536 a 1541, principalmente nos três primeiros anos. Um dos eventos que influenciaram a concepção do texto foi a expedição da bula *Altitudo Divini Consilii* no dia 1º de junho de 1537 pelo papa Paulo III. Tal bula expressava a decisão do Papa a respeito de uma disputa pastoral entre dominicanos e franciscanos, dando uma pequena vantagem aos dominicanos. (REIS in ANPUH/SPUNICAMP, 2004, p. 3). Segundo Paulo Suess, “os franciscanos optavam pelo batismo em massa, com pouca formalidade ritual e escassa preparação na catequese. Por outro lado, os dominicanos eram partidários de uma preparação batismal mais profunda. A bula favorece a práxis dos dominicanos” (SUESS, 1992, p. 40). As propostas da bula repercutiram pela Europa e a América.

Influenciado pela denúncia dos dominicanos aos maus tratos sofridos pelos índios, no dia seguinte à expedição da bula *Altitudo Divini Consilii*, outra bula é expedida por Paulo III. Assim, no dia 2 de junho de 1537, a Bula *Sublimis Deus* é expedida pelo papa. Nesta bula, o papa corrobora com o método suave de evangelização propagado por Las Casas. Diante da repercussão dessas bulas pela Europa e América, Motolinía sente que o método de evangelização adotado por ele e outros franciscanos está ameaçado. Por isso, corre para concluir o seu livro em 1541, empreendendo uma forte defesa do método de evangelização dos franciscanos.

Motolinía auxilia os frades recém chegados ao México e participa das querelas que haviam desde o início da conquista entre as diferentes ordens religiosas, especialmente nas disputas advindas das críticas dos agostinianos e dominicanos a respeito dos batismos em massa. Geralmente, Motolinía é mostrado pelos cronistas como um dos mais ativos batistas. (ARNAIZ; PRADO, 2014, p. 18). Frei Juan de Torquemada, por exemplo, em sua *Monarquía indiana*, elogia Motolinía por ter sido “amicíssimo da pobreza evangélica, zeloso da honra de Deus, muito observante de sua regra e fervoroso na conversão dos naturais, dos quais batizou, por conta que teve escrito, mais de quatrocentos mil, fora os que se poderia esquecer”. (TORQUEMADA, p. 202).

Na mesma esfera espiritual de evangelização da América Espanhola, Motolinía foi um grande adversário, quase inimigo de Las Casas. Neste período, em fevereiro de 1539, ocorreu o primeiro encontro dos dois religiosos. Em sua *Carta ao Imperador*, de 2 de janeiro de 1555, Motolinía relata como foi o seu primeiro encontro com Las Casas. Este estava rodeado de índios que carregavam os livros e papéis em que ele escrevia as informações obtidas nos livros. Motolinía ficou escandalizado com os excessos livrescos e o grande cortejo de índios em volta de Las Casas. Além disso, Motolinía apresentou um índio a Las Casas para que o batizasse e este se negou a fazê-lo, devido não ter certeza de que o índio estava bem preparado para tal. (MOTOLINÍA in SUESS, 1992, p. 420).

Nesse encontro, Motolinía enfrentou Las Casas por se recusar a batizar um índio. Conforme relata Motolinía nessa carta, Las Casas, um frade simples, aportou na cidade de Tlaxcala trazendo consigo 27 ou 37 índios. Um índio adulto, que havia solicitado o batismo várias vezes, veio se batizar; então, ele e os outros frades suplicaram muito a Las Casas que o batizasse porque vinha de muito longe e estava catequizado, bem preparado para receber o batismo. Porém, Las Casas se recusou e ele o questionou: como é que um frade que dizia ter tanto amor e zelo pelos índios se negava a batizar um índio; seria bom que pagasse pelo trabalho dos índios que trazia atrás de si, carregados e fatigados. (MOTOLINÍA in SUESS, 1992, p. 420). Motolinía está se referindo aos livros e papéis com anotações de Las Casas levados pelos índios que o acompanhavam.

Conforme foi observado anteriormente, na bula *Altítulo divini consilii*, de 1º de junho de 1537, o Papa Paulo III proibia a prática dos batismos em massa praticados pelos franciscanos. No Sínodo Eclesiástico comemorado em abril de 1539, os bispos mexicanos determinaram a aplicação de tal bula no México. Na Segunda parte de sua *Historia*, particularmente no quarto capítulo, Motolinía fala sobre as posições divergentes a respeito da administração do batismo existentes na Igreja no México e se manifesta contrário à ordem dos bispos em aplicá-la. (ARNAIZ; PRADO, 2014, p. 18). Em 1541, Motolinía conclui a *Historia*. No ano seguinte, o seu mandato de guardião de Tlaxcala encerra.

A conquista do Novo Mundo consistiu em vitória para a Igreja Católica. Dezenas de milhares de índios foram batizados pelos frades. Se considerarmos o relato de Motolinía, em sua *Historia de los indios de la Nueva España*, do ano de 1521, quando o México foi conquistado por Cortés, até 1536, ano em que ele começa a escrever o seu texto, batizaram-se aproximadamente cinco milhões de almas. (MOTOLINÍA, 2014).

Na concepção de Bellini, há duas explicações para a conversão em massa dos indígenas: eles eram influenciados pelas grandiosas encenações, como a descrita pelo cronista Bernal Díaz de Castilho, que foi protagonizada por Cortés, e seguida por todos aqueles que acompanhavam o conquistador, ao beijar os hábitos dos religiosos; como também, diante da destruição de seu mundo, certamente os indígenas percebiam a urgência de se colocar em segurança, e abraçavam a nova religião para salvar a sua vida. (BELLINI, 1995, p. 555).

Entusiasmados por seu sonho milenarista, os frades franciscanos consideravam ser possível instaurar o novo 'Reino de Deus' na América. A luta era contra o demônio que, na concepção dos frades, preparava ciladas para os índios. (BELLINI, 1995, p. 555-556). Frei Bernardino de Sahagún, em sua *Historia general de las cosas de la Nueva España*, dizia que o diabo havia se escondido no México para realizar suas artimanhas. Frei González de Oviedo, em *Historia general y natural de las Indias*, interpretou a descoberta e conquista do Novo Mundo como a vitória de Deus contra o Demônio. A mente de Motolinía também era dominada pela presença do demônio. Na *Carta al Emperador Carlos V*, na qual faz críticas a Las Casas, Motolinía solicita que se instaure o Reino de Deus. Aos olhos do frade franciscano, Cortés era o homem escolhido por Deus para a grande missão evangelizadora. (BELLINI, 1995, p. 556).

A opinião de Las Casas sobre Cortés é bem diferente da de Motolinía. Las Casas destaca a crueldade de Cortés em sua conquista do México, comparando-o a Nero no incêndio de Roma. (BELLINI, 1995, p. 556). É importante lembrar que a família de Las Casas mantinha laços de amizade com a família de Colombo. Las Casas e Colombo eram amigos íntimos. Assim, ele jamais critica esse conquistador.

Em sua quinta *Carta de relación* ao Imperador Carlos V, Cortés defende a sua conduta honrada na conquista do México. Afirma que, em seu empreendimento de conquista, ele estendeu não somente o poder imperial como também abriu imenso campo para a religião católica, tanto que logo se levantaria nestas terras uma nova igreja, onde Deus seria honrado e servido mais que em outras partes do mundo. (BELLINI, 1995, p. 557).

Houve um progressivo repúdio dos padres franciscanos em relação aos conquistadores, exceto a Cortés. Diante do conquistador espanhol encontrava-se o índio, subjugado, privado de tudo. Os franciscanos entendiam que era necessário defendê-los dos conquistadores espanhóis e por isso travaram uma árdua batalha. Dentre eles, destacou-se Motolinía. (BELLINI, 1995, p. 557).

Na esfera religiosa, os frades infundiam aos índios tanto medo do diabo que eles estremeciam ao ouvir o que lhes diziam. Na sua *Historia de los indios de la Nueva España*, Motolinía relata que, após ouvir as palavras dos frades, muitos índios iam até eles, atormentados, chorando e suspirando, em busca do batismo e do Reino de Deus. (Motolinía, 2014). No texto de Motolinía não há indícios de que ele suspeitasse que os indígenas estavam indo em busca de Deus, por meio do batismo, movidos por outro motivo, como a conservação de sua vida. (BELLINI, 1995, p. 557).

Na sua *Historia de los indios de la Nueva España*, Motolinía deixa explícito que considerava o índio uma criatura infantil, débil. Mas, a seu modo, o frade foi um defensor incansável dos indígenas contra seus exploradores espanhóis e desenvolveu um trabalho contra a violência dos exploradores em relação aos indígenas. (BELLINI, 1995, p. 557-558).

Motolinía mostra-se horrorizado diante da destruição dos índios. Denuncia a crueldade as injustiças, exploração e maus tratos cometidos pelos conquistadores e colonizadores espanhóis em relação aos nativos da Nova Espanha. Apesar de conceber o índio como vítima, não o colocando no mesmo nível do europeu, as denúncias de Motolinía mostram o seu lado humano, a sua sincera participação na história dos homens da América Espanhola. (BELLINI, 1995, p. 558-560).

Na *História* e nas inúmeras cartas que escreveu é evidente a batalha de Motolinía para que um melhor tratamento fosse dado aos índios. (ARNAIZ; PRADO, 2014, p. 16). Ele empreendeu uma atividade intensa em defesa dos indígenas da Nova Espanha. Ele foi uma expressão digníssima da Ordem Franciscana. Estranhamente, este frade franciscano teve grande aversão pelo dominicano Bartolomeu de Las Casas, que, após sua conversão à causa indígena, em 1514, dedicou toda a sua vida à mesma causa. (BELLINI, 1995, p. 561).

O Único modo de Las Casas já havia sido difundido no México, onde “havia um clima sereno e audaciosos de evangelização”. (JOSAPHAT, 2000, nota de rodapé, p. 323). Há alguma semelhança nos projetos dos franciscanos e dominicanos, particularmente o projeto dominicano colocado em prática por Las Casas e seus companheiros em Vera Paz. O franciscano Frei Andrés de Olmos, amigo de Las Casas, adotava os mesmos meios indicados no *Único Modo*, tinha o mesmo amor aos indígenas, confiava na conversão deles sem o recurso às armas. (JOSAPHAT, 2000, p. 323). Já o franciscano Motolinía era o oposto de Las Casas.

O fato é que Las Casas defendia um método de evangelização pacífico, suave e carinhoso. Já Motolinía defendia e aplicava um método de evangelização contrário ao defendido por Las Casas. Motolinía preocupava-se com a quantidade, buscava uma evangelização rápida dos índios, não acreditava ser necessário fazer um longo trabalho de preparação dos índios e nem se preocupava se eles estavam bem informados sobre a religião cristã e a estavam aceitando livremente. Em seu esforço para acelerar a vinda do Reino de Deus, Motolinía apressava-se em batizar multidões. Era favorável à intervenção militar para dominar os índios, impondo-lhes respeito, o que facilitaria a ação dos missionários. (JOSAPHAT, 2000, p. 323).

Las Casas concebia que a missão evangelizadora era a única justificativa da presença dos espanhóis na América. Ele defendia a evangelização de forma suave, pacífica, e atuava como missionário junto aos nativos, porém, a imposição do batismo em massa era condenada por ele. Já Motolinía era favorável ao uso do constrangimento, da força, para a difusão do Evangelho, e gabava-se por ter batizado mais de quatrocentos índios de uma única vez. (BELLINI, 1995, p. 563).

No entendimento de Motolinía, o índio era um ser ingênuo que, independentemente de sua vontade, devia se converter. Em sua *Carta a Carlos V* (1555), Motolinía fala sobre os trezentos mil batizados realizados por ele, critica fortemente a atuação de Las Casas a respeito da evangelização dos nativos e com toda franqueza diz qual é o melhor método de

evangelização: “à V. M. convém (...) apressar que se pregue o Santo Evangelho por todas essas terras, e os que não quiserem ouvir voluntariamente o Santo Evangelho (...), seja pela força; pois aqui tem lugar aquele provérbio: mais vale o bem pela força que o mal pela vontade”. (MOTOLÍNIA in SUESS, 1992, p. 421).

No trabalho de evangelização, Las Casas confiava na capacidade intelectual dos indígenas, acreditava que antes do batismo era necessário dar aos índios uma formação cuidadosa e paciente e recusava o uso da força para a atividade de conversão; Já Motolinía defendia o oposto. (JOSAPHAT, 2000, p. 324).

Motolinía denunciava os colonos por explorar os índios, mas concebia estes como inferiores aos europeus. Já Las Casas os via como iguais; cobrava e exigia que os colonos fossem justos e respeitassem os direitos dos indígenas.

### **O Único modo, a mensagem do missionário dominicano**

Em todas as andanças de Las Casas pela Europa e América Espanhola o seu primeiro livro, o Único modo *de atrair todos os povos à verdadeira religião*, o acompanhará. Concebido por volta de 1523 em seu noviciato na Ordem Dominicana, em 1527 já se tem a sua primeira elaboração manuscrita; é carregado entre bagagens e calhamaços com extremo carinho; nos encontros com companheiros de missão e correligionários ele vai sendo construído. Novas informações, documentos e experiências vão enriquecendo o manuscrito do autor habituado aos livros, que observa atentamente as coisas, as situações e as pessoas, além de ser comunicativo e ter espírito de liderança. (JOSAPHAT in LAS CASAS, 2005, p. 33).

Há um amplo projeto que engloba a vida, projetos e sonhos de Las Casas. O Único modo não é somente o prólogo de toda a mensagem do autor, ele brota como a síntese antecipada e ampla do ponto de vista e do projeto que estimulam toda a existência de Las Casas. Sempre mantendo a amplitude do projeto inicial, o conteúdo desse livro vai se decompondo e dando origem a novos livros mais específicos. O Único modo nunca foi publicado por Las Casas. Em 1537, ele parece estar bem escrito quanto ao essencial e é aberto pelo autor para apoiar e comentar a bula *Sublimis Deus* do papa Paulo III, de 2 de junho de 1537, que em um ato corajoso posicionou-se a favor dos índios. Lembrando que tal posicionamento do papa foi provocado por alguns missionários dominicanos, dentre eles Las Casas. (JOSAPHAT in LAS CASAS, 2005, p. 33).

No trigésimo quarto parágrafo do quinto capítulo do Único modo Las Casas menciona vários decretos da Igreja para provar que eles mostravam o jeito correto de se converter ao cristianismo, mediante a suavidade e não por meio da violência. O frade dominicano dá relevância à bula *Sublimis Deus*: “Resta, finalmente, referir o que foi recentemente decretado,

primeiro em particular e depois em geral, pelo papa Paulo III, em nossos tempos, precisamente no ano de 1537.” (LAS CASAS, 2005, p. 208). Antes de citar a bula, ele explica o que levou o Papa a decretá-la.

Conforme Las Casas, preocupados em adquirir as riquezas desse mundo mais que desfrutar para sempre do paraíso celeste junto de Deus, “os homens mundanos e ávidos” buscam conseguir o ouro e a prata por meio do trabalho, da opressão, tortura, morte e outras injúrias e vexames da maioria dos homens. Maquinarão uma maneira diferente de ocultar suas tiranias e injustiças e de justificar seus atos. (LAS CASAS, 2005, p. 208).

Devido às nações indígenas possuírem uma forma diferente de governo, tais homens passaram a afirmar falsamente que eles não eram capazes de se governar e por isso precisavam de tutores. O descaramento deles era tanto que chegaram a afirmar e infamar “que aqueles homens eram bestas, ou quase bestas”, e por isso podiam ser submetidos por meio da guerra ao domínio deles, ou serem caçados como bestas e reduzidos à escravidão para serem utilizados conforme a vontade dos conquistadores. (LAS CASAS, 2005, p. 208).

Um religioso da Ordem dos Pregadores relatou tais acontecimentos ao Papa e este ficou horrorizado diante do atrevimento de tais homens ímpios; o Papa percebia o quanto a dignidade da natureza humana, pela qual Jesus Cristo tanto fez e tanto sofreu, se rebaixava, como também que tais ministros satânicos punham obstáculos à expansão da fé; desse modo, mediante decreto contido na bula, renovou os antigos decretos e declarou digno de toda repulsa esse ímpio engano. (LAS CASAS, 2005, p. 209).

O religioso da Ordem dos Pregadores mencionado por Las Casas é o dominicano frei Bernardino de Minaya, que agia de acordo com os missionários dominicanos estimulados pelo próprio Las Casas. (JOSAPHAT in LAS CASAS, 2005, p. 209).

Após citar a bula na íntegra, Las Casas chama a atenção ao fato das palavras do Papa irem de encontro ao que ele defendia no Único modo quanto ao jeito certo de se evangelizar os indígenas: “E o que vem a nosso propósito está baseado naquelas palavras que dizem: é preciso convidar os próprios índios e as demais nações para receberem a mencionada fé de Cristo com a pregação da palavra de Deus e com o exemplo de uma boa vida, em cujas duas cláusulas se resume tudo o que anteriormente tratamos, ou seja, que estes também devem ser conduzidos a Cristo de modo persuasivo para o entendimento e atraente pela vontade, como tantas vezes se provou”. (LAS CASAS, 2005, p. 210).

Por considerar que o Único modo refletia fielmente seus projetos e a si mesmo, o frade dominicano o divulgou intensamente. No ano de sua morte, em 1566, o velho bispo missionário tencionou dar o livro manuscrito ao novo Papa São Pio V, seu confrade dominicano, cujo programa consistia em reformar a Igreja Católica, melhorando a sua condução e doutrina conforme as decisões do Concílio de Trento (1545-1563). Antes de partir definitivamente desse mundo, Las Casas dava seus últimos conselhos para que o seu sonho se realizasse. Para

um novo mundo, com uma nova humanidade, ele projetava uma nova Igreja. Este grande sonho era tema do *Único modo* como também da carta breve e profunda enviada ao Papa em 1566. (JOSAPHAT in LAS CASAS, 2005, p. 34).

O primeiro livro concebido por Las Casas, no qual ele quis dizer o essencial, e espelhava as profundezas de seu ser, sobre qual “‘Único modo’ de pensar e falar do jeito certo – do Evangelho e da América”, estava sempre em suas mãos e em sua mente. Em seus principais textos, o autor menciona o *Único modo* vinte vezes. O livro ficou praticamente desconhecido até 1889, sendo publicado apenas em 1942. (JOSAPHAT in LAS CASAS, 2005, p. 34).

As muitas cópias do *Único modo* que circulavam como manuscrito se perderam. Em 1889 uma delas foi encontrada na Biblioteca Pública do México. Infelizmente, a cópia é incompleta, contendo somente os capítulos V, VI e VII do primeiro livro. Tal texto incompleto foi publicado somente em 1942, no México, com edição bilíngue, contendo o texto original em latim e a sua tradução para o espanhol. (JOSAPHAT in LAS CASAS, 2005, nota de rodapé, p. 34).

### **A proposta de evangelização pacífica expressa no *Único modo***

A questão da evangelização foi central na vida de Las Casas. Esse é o tema de seu *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*. A este respeito, ressalta Carlos Josaphat: “Como anunciar o Evangelho, na forma e no jeito que convêm à elevação dessa mensagem e à dignidade do ser humano a que se destina, tal é a inspiração primeira da vida de Bartolomeu de Las Casas, e o germe donde brota a primeira de suas obras. Por vezes, o autor tem a sorte grande de se dizer em um livro. (...) Las Casas – ainda em sua juventude dominicana – revela toda sua vida e sua mensagem no *Único modo*”. (JOSAPHAT in LAS CASAS, 2005, p. 33).

Recordemos que a obra missionária da evangelização acompanhava o projeto de colonização da América. E o meio defendido pelos conquistadores espanhóis para atingir esse objetivo era a violência contra os indígenas. A evangelização por meio da força era um meio utilizado por alguns missionários da época, dentre eles destacou-se Motolinía.

Em seu *Único modo*, Las Casas deixa claro que o único modo de encaminhar todos os povos à verdadeira religião é o pacífico, suave. Ressalta-se que a verdadeira religião, em sua concepção, é o cristianismo, particularmente o catolicismo.

Nesse livro, Las Casas afirma que, por meio de exemplos, Jesus Cristo estabeleceu aos promulgadores de sua lei que o fizessem de forma pacífica. Respeitassem os infiéis dos lugares por onde passassem. Proibiu que levassem bastão para que os infiéis logo vissem que os pregadores do Evangelho eram pacíficos. No entanto, o modo contrário a este diz que

é preciso primeiro dominar os infiéis, maltratando-os até a morte, para depois evangelizá-los. Este modo de pregar o Evangelho é contrário ao pacífico estabelecido por Cristo. (LAS CASAS, 2005, p. 230).

Las Casas chama a atenção ao fato de que o modo de pregar o Evangelho por meio da guerra é contrário ao defendido por Cristo. E tem consequências drásticas, levando à condenação da alma tanto dos infiéis como daqueles que lhes fazem guerra e lhes matam. Os infiéis guardarão rancor e ódio daqueles que lhes declaram guerra, com isso, sua alma se encherá de diabos; aqueles que foram mortos em sua infidelidade antes de se converterem foram condenados; aqueles que, inspirados pelos demônios, mataram os infiéis também irão para o inferno, queimarão no fogo eterno, caso não façam penitência. (LAS CASAS, 2005, p. 230).

O dominicano adverte que Cristo proibiu que os pregadores de seu Evangelho tivessem ouro, prata ou dinheiro, e proibiu com mais veemência que roubassem de forma violenta aqueles a quem eram incumbidos de evangelizar. Porém, esse novo modo de pregar ensina a roubar violentamente ouro, prata e dinheiro como também a espoliar os reis e senhores de seus títulos e direitos, levando-os a uma vida miserável, pior que a morte. Assim, esse modo é totalmente contrário ao suave e natural defendido por Jesus Cristo. (LAS CASAS, 2005, p. 231).

Dentre as partes inerentes ao modo suave e pacífico de evangelizar, conforme Las Casas, os infiéis jamais podem suspeitar que a pregação da fé dirigida a eles é motivada por interesses em obter lucro, riquezas ou qualquer bem. No entanto, fica logo claro aos infiéis qual o motivo da guerra que os cristãos lhes declaram sem que tenham nenhuma culpa, pela avidez com que os cristãos que promovem tais guerras procuram e devassam o ouro, a prata ou qualquer outra coisa que tenha valor, como também pelas rapinas feitas, levando tudo o que possuem. (LAS CASAS, 2005, p. 234).

Os índios nunca pensaram nada de mal a respeito dos agressores e não lhes fizeram nenhum mal, lembra Las Casas. No entanto, tal gênero de homem invade as terras dos inocentes que não merecem nenhum mal com sua guerra cruel, matando não somente homens, como também crianças, mulheres e velhos, despedaçando-lhes os corpos com suas espadas e lanças, degolando-os com um só golpe de espada. Enviando ao inferno as almas dos infiéis que não tiveram tempo para se converter à fé católica. (LAS CASAS, 2005, p. 238).

Segundo Las Casas, para mostrar o zelo pela expansão da religião cristã, os pregadores cometem falsos testemunhos. Dentre eles, afirmam que os índios são idólatras, se envolvem em crimes abomináveis; que são tolos e, por isso, incapazes de receber a fé cristã e os sacramentos da religião católica. Eles inventam tais mentiras para justificar as violentas guerras, roubos e outros crimes que cometem contra os índios; para que tais atos pareçam justos ou pelo menos desculpáveis. (LAS CASAS, 2005, p. 238).

Desde o início, conforme Las Casas, o Reino de Cristo, que começou a ser adquirido por Ele próprio, começou a ser fundado e propagado de modo suave e espontâneo, deixando que cada um escolhesse servir ou ser soldado do Reino, sem nenhuma intervenção, coação ou terror das armas, para que permanecesse íntegra a forma da justiça. (LAS CASAS, 2005, p. 266).

Questiona Las Casas: por que o Rei pacífico, que manifesta sua onipotência perdoadando e se compadecendo, tomaria o caminho da guerra, repleto de violência e crueldade, refúgio de ladrões e criminosos, para estabelecer o seu império nas mentes das criaturas racionais, que havia criado livres, aptas a serem atraídas ao bem de modo suave? Não é ele o Príncipe da Paz? Não foi anunciado pelos profetas que em seus dias floresceria a justiça e se espalharia a paz? Quando Jesus nasceu, viveu, morreu e ressuscitou ele nos apresentou a paz. Em toda a doutrina de Cristo só se encontra a paz. Ele nos concedeu o preceito do amor que produz a paz e a alimenta, afirma Las Casas. (LAS CASAS, 2005, p. 266).

Ressalta Las Casas que, não é conveniente à dignidade de Cristo e à benignidade de seu Reino adquirir, aumentar ou conservar o seu Reino com a guerra e sim com a paz; com a doçura da doutrina, os sacramentos da Igreja, compadecendo-se dos infiéis, com caridade e benignidade, perdoadando-os. O terror das armas, da guerra, para adquirir um reino não é o caminho ensinado por Cristo e seguido pelos cristãos, mas sim de ladrões, que, como lobos cruéis, roubam, matam, cometem todo tipo de violência e arruinam o rebanho de Cristo já existente, como também impedem aqueles que estão perto de incorporar-se a tal rebanho, matando-os. (LAS CASAS, 2005, p. 266-267).

A guerra feita aos infiéis, que jamais ouviram algo a respeito da religião cristã e que não ofenderam a Igreja Católica, com o único objetivo de submetê-los ao domínio dos cristãos e convertê-los à religião cristã, “é uma guerra temerária, injusta, iníqua e tirânica” na concepção de Las Casas. (LAS CASAS, 2005, p. 269).

Las Casas adverte: todos os que fazem tais guerras aos infiéis ou cooperam para que elas aconteçam, cometem pecado mortal: “Todos aqueles que fazem a mencionada guerra e por qualquer modo de cooperação, seja mandato, conselho, ajuda ou apoio, para que tal guerra seja declarada aos infiéis, cometem pecado mortal muito grave”. (LAS CASAS, 2005, p. 276). E alerta o missionário: todos os envolvidos de algum modo em tais guerras, para se salvarem são obrigados a restituir aos infiéis prejudicados tudo o que deles foi tirado. Além disso, é preciso dar satisfação pelos danos causados. (LAS CASAS, 2005, p. 285-296).

Las Casas tinha pleno conhecimento de que o maior medo das pessoas da época era que a sua alma fosse ao inferno após sua morte e queimasse eternamente nas chamas ardentes. Por isso, ele chama a atenção e afirma que todos aqueles que participavam de tais guerras ou sabiam que esse tipo de violência e crueldade era feito contra os índios inocentes e se omitiam seriam condenados, a menos que fizessem penitência.

## Conclusão

Os pontos fortes da personalidade de Las Casas destacados por seus contemporâneos eram a radicalidade e a intransigência. É importante saber qual o motivo de tais comportamentos.

Segundo Moreau, “Las Casas foi considerado radical por acreditar no apostolado e não na conquista”. Para o missionário dominicano, “a Espanha só poderia justificar sua ação na América caso cumprisse sua missão de conduzir os índios à fé cristã”. (MOREAU, 2003, p. 212).

Enquanto Motolinía defendia os índios, mas era a favor da colonização como vinha sendo feita, mediante uso da força, defendendo o batismo em massa, Las Casas era intransigente a respeito do batismo, e defendia que houvesse evangelização prévia para tal. (MOREAU, 2003, p.13).

Na concepção de Las Casas, Deus deu ao Papa e este repassou ao rei da Espanha a gloriosa missão de converter os infiéis à religião cristã. Somente isso justificava a ação dos espanhóis na América. Ao perceber que os espanhóis se afastaram dessa determinação divina, atraído tal missão confiada a eles, pensando somente nas imensas riquezas das terras dos indígenas, praticando crimes bárbaros contra pessoas pobres e indefesas, o frei dominicano ficava irado, em cólera, lançando terríveis admoestações sobre tais traidores. (BUENO in LAS CASAS, 2008, p. 20; MOREAU, 2003, p. 213).

Para Las Casas, a morte da alma era pior que a morte do corpo. Ao morrer antes de se converter e receber os sacramentos cristãos, os índios seriam condenados, sua alma iria para o inferno. Foi a compreensão de que os índios estavam perecendo pelas mãos justamente dos espanhóis que tinham o dever de convertê-los o que comoveu e apressou a conversão de Las Casas em 1514. (BUENO in LAS CASAS, 2008, p. 20).

Em seu *Único modo*, Las Casas dialoga com o rei da Espanha, o Imperador e seus conselheiros, os conquistadores espanhóis, como também todos aqueles que tinham conhecimento da prática das guerras dos espanhóis aos indígenas e se omitiam. Las Casas dialoga também com os missionários franciscanos que defendiam o método violento de evangelização, como Motolinía.

Para Bataillon, Las Casas é “o mais célebre e o mais notório dos evangelizadores defensores dos índios”. (BATAILLON, 1976, p. 15).

No final da vida de Las Casas, Filipe II, rei da Espanha a partir de 1556 com a abdicação de seu pai Carlos I, não ouve suas denúncias. Então, em sua *Petición a Su Santidad Pío V sobre los negocios de las Indias, en defensa de los indios*, de 1566, o velho bispo vai rogar ao Papa Pio V, dominicano como ele, que faça um decreto declarando que será excomungado qualquer um que fale que é justa a guerra praticada aos índios que nunca fizeram nenhum mal

ao espanhóis por causa de suas idolatrias e para facilitar a pregação do evangelho ou aqueles que defendem que o **índios são rudes e por isso incapazes de aprender o Evangelho e se salvar**. Las Casas adverte que em sua concepção os indígenas não são rudes, e pela honra de Deus e da Igreja ele defendeu a causa dos nativos até a morte, apesar dos riscos que corria. (LAS CASAS in SUESS, 1992). Este último documento foi escrito por Las Casas em janeiro de 1566, ele morreu em julho do mesmo ano, no convento de Nossa Senhora de Atocha, em Madri.

A *Petição* ao Papa é o testamento espiritual de Las Casas. Nela aparecem sua forma de agir, os riscos enfrentados em sua vida de pregador da justiça e do direito, suas inquietações por defender o futuro da América e a dignidade do homem, e principalmente a sua preocupação moral devido à corrupção de um clero que só pensava em enriquecer, um escândalo extremamente grave, causando prejuízo à religião cristã. (BELLINI, 1995, p. 570).

No processo da conquista, colonização e evangelização da América Espanhola, diante da violência da espada praticada pelos conquistadores aos indígenas através das chamadas “guerras justas”, havia a defesa da cruz, que também simbolizava medo devido a divergência entre a palavra evangélica e o uso da força. Contudo, através de seu Único modo como também de seus atos, seja no árduo trabalho de evangelização dos índios ou em suas batalhas teológico-políticas através dos inúmeros textos que escreveu ou dos embates com seus opositores, *Bartolomeu* de Las Casas lutava contra tudo e todos, com o propósito de fazer justiça, defender os direitos dos indígenas e devolver ao símbolo da cruz o seu significado positivo. A Espanha tem motivo para orgulhar-se desse missionário dominicano, cujo processo de canonização foi aberto tardiamente em Sevilha no ano de 2002.

## REFERÊNCIAS

CASTILLO, Bernal Díaz del. *Historia verdadera de la conquista de México*. Biblioteca Saavedra Fajardo de Pensamiento Político Hispánico, 2014. Disponível em: <http://www.saavedrafajardo.org/archivos/diazhistoria.pdf>. Acesso em: 20/04/2018.

LAS CASAS, Frei Bartolomeu de. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*. Tradução Noelia Gigli, Hélio Lucas. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. “Petición a Su Santidad Pío V sobre los negocios de las Indias, en defensa de los índios”. In: SUESS, Paulo (org.). *La conquista espiritual de la América española: 200 documentos-Siglos XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MENDIETA, Fray Gerónimo de. *Historia eclesiástica indiana*. Biblioteca Virtual Universal, Livro III, Cap. XII, 2006. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/131289.pdf>. Acesso em: 17/05/2018.

MOTOLINÍA, Fray Toribio de Benavente. *Historia de los indios de la Nueva España*. Real Academia Española. Madrid: Centro para la edición de los clásicos españoles, MMXIV. (Edición, estudio y notas de mercedes serna arnaiz y bernat castany prado). Disponível em: <http://www.fundacionaqueae.org/wp-content/uploads/2017/07/Historia-de-los-Indios.pdf>. Acesso em: 19/05/2018.

\_\_\_\_\_. “Carta ao Imperador Carlos V (1555)”. In: SUESS, Paulo (org.). *La conquista espiritual de la América española: 200 documentos-Siglos XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992.

TORQUEMADA, Fray Juan de. “Monarquía indiana, Livro XX, Cap. XXV”. In: *Anales del Museo de América*, 4, 1996, p.39-54. Disponível em: [http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/monarquia/volumen/06/03Libro\\_Veinte/miv6065.pdf](http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/monarquia/volumen/06/03Libro_Veinte/miv6065.pdf). Acesso em: 17/05/2018.

## Bibliografia

ARNAIZ, M. S.; PRADO, B. C. “Introducción. 1. Biografía”. In: ‘MOTOLINÍA’, Fray Toribio de Benavente. *Historia de los indios de la Nueva España*. Real Academia Española. Madrid: Centro para la Edición de los Clásicos Españoles, 2014. (Edición, estudio y notas de mercedes serna arnaiz y bernat castany prado).

BATAILLON, Marcel. *Las Casas en la historia*. Presentación de Gilles Bataillon. Traducción de Ignacio Díaz de la Serna. México: FCE, 2013.

\_\_\_\_\_. *Estudios sobre Bartolomé de Las Casas*. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

BELLINI, Giuseppe. “Motolinía y Las Casas frente al hombre de América.” In: *THESAURUS*. Tomo L. Núms. 1, 2 y 3. TH. XLV. Centro Virtual Cervantes, 1995. Disponível em: [https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/50/TH\\_50\\_123\\_576\\_0.pdf](https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/50/TH_50_123_576_0.pdf). Acesso em: 15/05/2018.

BUENO, Eduardo. “Apresentação – O Genocídio de Ontem e Hoje”. In: LAS CASAS, Frei Bartolomeu de. *O paraíso destruído: A sangrenta história da conquista da América Espanhola*. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

BRUIT, Hector Hernan. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista hispânica*. Campinas: Unicamp/ São Paulo: Iluminuras, 1995.

FARIA, Padre Henrique de Moura. “Bartolomeu de Las Casas: o direito a serviço da vida do pobre”. In: *Veredas do Direito*, vol. 2, n. 4, 2005.

FREITAS NETO, José Alves de. *Bartolomé de Las Casas: narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*. São Paulo: Annablume, 2003.

GALMÉS, Lourenço. *Bartolomé de Las Casas: defensor de los derechos humanos*. Madrid: BAC Popular, 1982.

JOSAPHAT, Frei Carlos. *Las Casas: todos os direitos para todos*. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. “Sentido de Deus e do outro”. In: LAS CASAS, Frei Bartolomeu de. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*. Tradução Noelia Gigli, Hélio Lucas. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. “Suma de Teologia e de democracia no alvorecer do novo mundo. Introdução ao ‘Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião’”. In: LAS CASAS, Frei Bartolomeu de. *Único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*. Tradução Noelia Gigli, Hélio Lucas. São Paulo: Paulus, 2005.

MOREAU, Filipe Eduardo. *Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta*. São Paulo: Annablume, 2003.

NASCIMENTO FILHO, Antônio José do. *Bartolomeu de Las Casas, um cidadão universal. Uma questão de alteridade com os povos do Novo Mundo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

REIS, Anderson Roberti dos. “Outros caminhos: uma leitura da Historia de los indios de la Nueva España, de Frei Toribio Motolinía”. In: *ANPUH/SPUNICAMP*. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História, Campinas, p. 1-9.

SKINNER, Quentin. “Prefácio”. In: *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.